



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AOS BISPOS DO MÉXICO
EM VISITA «AD LIMINA APOSTOLORUM»**

2 de Dezembro de 1983

Queridos Irmãos no Episcopado

1. Ao acolher-vos no Ano Santo da Redenção nesta visita "ad limina", quero saudar-vos com as palavras do Apóstolo São Paulo: "Graça e paz da parte de Deus nosso Pai e da de nosso Senhor Jesus Cristo, que a si mesmo se entregou pelos nossos pecados" (*Gál. 1, 3-4*).

É esta a saudação que dirijo também, de todo o coração, aos cristãos das vossas dioceses de origem e ao querido e inesquecível povo do México, uma vez que esta visita é a expressão de uma intensa comunhão das vossas Igrejas particulares com a Sé de Pedro, um intercâmbio de informações e de vivências às quais quero responder também com o afecto cordial que nasce da solicitude por todas as Igrejas.

2. Já tive a oportunidade de propor à atenção de outros Pastores da Igreja no México alguns temas doutrinários e pastorais que merecem um estudo atento e uma solícita actuação.

Neste momento, ao terminar os encontros conjuntos com os Bispos mexicanos, desejo propor à vossa consideração algumas reflexões que têm uma estreita relação com o ministério pastoral dos sacerdotes e com a formação dos candidatos ao sacerdócio. Não é de estranhar que fixe a minha atenção sobre este tema; exige-o a vida da Igreja e pede-o também a conjuntura vocacional das vossas dioceses, que reclama de vós um cuidado especial por aqueles que o Senhor vos dá como colaboradores da ordem episcopal: os sacerdotes.

3. É muito animador saber que na Igreja no México se verifica um aumento de vocações sacerdotais. Com profunda alegria e esperança, muitos Bispos vêem que os seminários vão

superando uma crise que chegara a ser preocupante.

Constata-se igualmente que os jovens com aspirações ao sacerdócio se apresentam hoje não só com maior generosidade para o serviço, mas também com maior maturidade pela consciência que têm da sua vocação, o que se traduz positivamente numa maior perseverança. Tudo isto exige porém uma maior responsabilidade e cuidado na selecção dos formadores e na orientação global da formação sacerdotal em todos os seus campos, tal como afirma claramente o Decreto do Concílio Vaticano II *Optatam totius*.

Desejo recordar-vos que o Concílio apresenta a formação espiritual dos futuros sacerdotes centrada naquilo que poderíamos chamar o projecto pedagógico da Igreja para os futuros ministros do altar: a pessoa de Cristo, Mestre, Sacerdote e Pastor, para se unirem a Ele como amigos e entrar em comunhão com o seu mistério pascal, de que devem ser anunciadores, vivendo em íntima união com Ele, uma vez que devem ser configurados com Cristo por meio da ordenação sacerdotal (cf. *Optatam totius*, 4 e 8).

4. Por isso, a formação dos futuros sacerdotes deve modelar-se segundo a mesma pedagogia com a qual o Senhor quis atrair e educar os seus discípulos.

Trata-se de levar pessoalmente cada um dos seminaristas a essa "convivência" e "discipulado" com o Mestre que permite fazer uma experiência semelhante à dos Apóstolos: escutar as suas palavras de vida eterna, sentir-se atraídos suavemente pelo fascínio humano-divino da sua pessoa, entrar decididamente na sua companhia, ficar interiormente marcados pelo encontro com Alguém de quem nunca mais se pode prescindir na vida.

A oração pessoal, na qual se escuta a palavra de vida e se confronta com a existência quotidiana, constitui na realidade uma forma de convivência com o Mestre, uma escola para todos os que desejam ser discípulos autênticos de Jesus. Uma oração que seja comunhão com o Senhor e se traduza num compromisso de fidelidade evangélica, de opção radical por Cristo e pela sua causa, que é o Evangelho, fará dos futuros sacerdotes discípulos da Palavra vivida, segundo a exortação de Jesus: "Vós sereis meus amigos se fizerdes o que eu vos mando" (Jo. 15, 14).

5. A oração assídua, central na vida do sacerdote, deve ser como o crisol da formação espiritual. Não podemos esquecer que o próprio Cristo fez da oração — desde a sua entrada no mundo (cf. *Heb.* 10, 5-7) até à sua morte na cruz (cf. *Lc.* 23, 46) — o segredo da sua comunhão com o Pai e da sua missão em favor dos homens; a ela dedicava os momentos mais significativos da sua jornada apostólica (cf. *Mc.* I, 35).

Podemos dizer que Jesus viveu o seu mistério pascal de forma consciente e em plena adesão à vontade do Pai, através da oração. E, por isso, também o sacerdote, educado desde os anos do Seminário, deve viver como Cristo e, com Ele, o mistério da sua própria vocação e missão, a

partir da experiência da oração, que é familiaridade e comunhão de vida com Cristo, Senhor e Mestre.

Na mesma linha daquilo a que chamámos o projecto educativo de Cristo para os seus discípulos, é necessário insistir na necessidade de criar um ambiente de comunidade simples e acolhedora no Seminário, no qual a presença do Senhor, presente no meio dos seus discípulos (cf. *Mt.* 18, 20), se traduza numa experiência de amor mútuo, de ajuda recíproca, de comunhão sincera, que prepare os futuros sacerdotes para essa "fraternidade sacerdotal", tão importante para manter vivo o fervor da vida espiritual e o estímulo da missão apostólica.

Os sacerdotes que se formam nesta escola do Mestre poderão ser, por sua vez, os animadores da oração que o vosso povo reclama, e os promotores de comunhão de que a Igreja necessita.

6. No recente Sínodo dos Bispos foi abordado o problema do Sacramento da Penitência. Com efeito, uma das preocupações dos Padres sinodais, e que é também o clamor do Povo de Deus, é a de formar todos os sacerdotes — e especialmente os que agora se aproximam do sacerdócio — no apreço pela beleza, urgência e dignidade deste sacramento. Não podemos esquecer que o próprio Cristo conferiu aos seus discípulos o ministério do perdão, e que Paulo, sentindo-se investido da sua graça para o apostolado, reconhece: "Deus... reconciliou-nos consigo por Cristo, e confiou-nos o ministério da reconciliação" (*2 Cor.* 5, 18).

7. No exercício deste sagrado ministério, o sacerdote identifica-se com Cristo Bom Pastor, actua *in persona Christi*, e com a força do Espírito Santo representa a Igreja, que acolhe o pecador e o reconcilia.

Toda esta realidade santificadora do sacramento, ainda que tenha como destinatário o penitente, é também fonte de santificação para o confessor, um verdadeiro exercício de caridade pastoral que requer preparação espiritual, atitude de oração no próprio desempenho do ministério da confissão, para pedir a luz do alto e favorecer no penitente o sentido de uma verdadeira conversão.

Por outro lado, os membros do Povo de Deus, com instinto sobrenatural, sabem reconhecer nos seus sacerdotes o próprio Cristo que os recebe e lhes perdoa, e agradecem de todo o coração a capacidade de acolhimento, e a palavra de luz e de consolação com que acompanham a absolvição dos seus pecados.

8. O abuso das absolvições colectivas contra as prescrições da Igreja, tal como são claramente determinadas no novo Código de direito Canónico (cc. 961-963), é na realidade um atentado contra a verdadeira dignidade do sacramento da Penitência; o exercício fiel do ministério da confissão de cada um dos cristãos, põe em relevo a atenção amorosa de Cristo por cada um dos homens, o seu amor pessoal por cada baptizado, a capacidade de reconhecer em cada um a

imagem de Deus, o seu drama pessoal e inalienável, para o qual não bastam conselhos genéricos e orientações anónimas.

O próprio sentido pessoal e secreto do pecado não pedirá, como consequência, essa forma secreta e discreta, adequada e personalizada da confissão individual?

No exercício do ministério da confissão o sacerdote que oferece a sua disponibilidade e o seu tempo para cada um dos fiéis que requerem o seu serviço, é a testemunha visível da dignidade de cada um dos baptizados; os mais pobres — como são muitos dos vossos diocesanos — para os quais ninguém na nossa sociedade inquieta e apressada tem tempo, poderão dar testemunho — se são acolhidos com amor e respeito pelos sacerdotes no sacramento da Penitência — de que a Igreja acolhe a todos, a todos respeita e ouve, com esse amor pessoal que traduz o cuidado e o afecto de Cristo por cada um dos homens que Ele redimiou com o seu sangue.

9. Ao oferecer-vos estas orientações pastorais, dirijo a minha oração à Virgem, Nossa Senhora de Guadalupe, na qual cada mexicano e todo o povo do México vê um sinal eficaz da sua esperança, no meio das dificuldades que o país atravessa, e da reconciliação de todos os seus filhos.

Podeis ter a certeza de que vos acompanho sempre no vosso trabalho com o meu afecto e com o meu pensamento, juntamente com a minha oração por todas as vossas dioceses, para as quais imploro abundantes graças do céu, com a minha Bênção Apostólica.